

Episódio 04:

Fracasso da ecologia política

Link: https://ddt21.noblogs.org/?page_id=3121

Os ecologistas governamentais, os ecologistas de pequenos passos, os ecossocialistas e os ecologistas radicais podem se opor de várias maneiras, mas todos têm uma coisa em comum. Quer aspirem a um cargo ministerial, fundem uma Amap, escrevam o programa de uma futura "verdadeira esquerda" ou tentem fazer da ecologia uma alavanca para a revolta social, todos eles colocam a "questão ecológica" no centro do mundo atual, como se isso significasse redefinir o que é o capitalismo e qual seria sua transformação necessária e possível. Todos eles afirmam que são realistas e que estão agindo sem falar da boca para fora.

Mas qual é o resultado das ações que eles vêm realizando há várias décadas?

1 / LIBERALISMO DE BICICLETA

Já na década de 1960, uma ecologia composta estava avançando nos Estados Unidos, incentivada pelo best-seller *Silent Spring* (1962), de Rachel Carson, que denunciava os pesticidas que matavam os pássaros. Em 1970, foi realizado o primeiro "Dia da Terra", mais uma celebração oficial do que uma ação militante. Ralph Nader se candidatou à presidência quatro vezes em nome da proteção ao consumidor.

Na França, René Dumont foi o primeiro ecologista a disputar a eleição presidencial em 1974 e concentrou-se na incapacidade do sistema capitalista de eliminar a fome, a superprodução e o consumo excessivo de energia. Em sua opinião, a divisão social não era entre burgueses e proletários, mas entre os consumidores dos países ricos e as massas carentes do Terceiro Mundo, que eram os verdadeiros proletários modernos.

No século XXI, Dumont desfrutava da imagem de um pioneiro de uma boa causa: a ecologia é evidente e acomoda as posições mais opostas. Em seu nome, podem ser feitos discursos que são ao mesmo tempo muito radicais e consensuais, da esquerda à direita (e até mesmo da extrema direita "reacionária", que se proclama antiburguesa e defende um retorno à natureza autêntica e não mercantilizada), e do anarquismo mais revolucionário ao mais moderado (Bookchin).

Para a opinião pública, a mídia e a classe política, a ecologia está se tornando um

componente indispensável de qualquer discurso sobre o mundo (embora não seja unânime: Trump não foi o único chefe de estado cético em relação ao clima). E para uma minoria muito pequena de pessoas que se veem como críticos da sociedade, ela complementa um anticapitalismo superficial: as pessoas são ecologistas assim como são "contra as finanças".

As mais eminentes organizações ambientais se uniram aos *liberais* Bill Clinton e Al Gore, os arquitetos do comércio mundial responsáveis pelo aumento das emissões de carbono. A OMC, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) e o capital globalizado receberam o apoio das "Big Green", ou seja, as ONGs ambientalistas, financiadas pelas grandes empresas e que operam de acordo com seu modelo: dinheiro investido, marketing, recrutamento de gerentes bem pagos etc. Os Verdes alemães oferecem aos ecologistas franceses um modelo a ser seguido: na Alemanha, o "eco-reformismo" acompanha a gestão social-liberal do capitalismo em alianças que vão da centro-direita à centro-esquerda. O aquecimento geotérmico, o uso de processos e materiais de baixa poluição, o crescimento das energias renováveis e a extensão das ciclovias são todas as formas pelas quais os Verdes eleitos estão aceitando restrições aos benefícios de desemprego, ataques às pensões e cortes nos gastos sociais...

2 / ELOGIOS À MODERAÇÃO

Os defensores da abordagem "*pequeno é possível*" nos dizem que é impossível enfrentar o problema global, portanto, vamos agir localmente. Como cada um de nós é supostamente responsável pelo aquecimento global, uma calculadora on-line permite medir as emissões de gases de efeito estufa causadas por nossas ações diárias a qualquer momento.

Como se a produção dependesse do consumo! A cifra de 130 milhões de smartphones vendidos todos os meses é impressionante. Mas na França, nos vinte anos anteriores a 1900, o número de bicicletas aumentou de 50.000 para quase um milhão e, durante as "Trente Glorieuses", de 10 para 30 milhões de carros. Desde o final do século XIX, houve uma sucessão de objetos cuja compra não foi imposta nem pela força nem pela publicidade: seu uso preenche uma necessidade criada pelo estilo de vida trazido pela evolução capitalista da época e possibilitado pelas condições de produção da época. Os carros e as telas não só permitiam liberdade e velocidade, como também eram meios de individualização e socialização. A crescente escassez de terras (já) "raras" afetará a atual onipresença das telas sensíveis ao toque, mas é uma ilusão acreditar que a crise

ambiental levará a uma conscientização que transformará o comportamento, como se um choque fosse suficiente para curar o paciente.

Os movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970 promoveram a ideia de superar o capitalismo, de muitas formas diferentes e confusas, mas geralmente com uma coisa em comum: a chegada dos trabalhadores ao poder era vista como a solução. A exaustão das lutas daquela época tornou esse objetivo pouco concebível para as gerações seguintes, que não tinham as ferramentas mentais para pensar em um mundo sem trabalho assalariado e dinheiro. Na melhor das hipóteses, a abolição do Estado permanece na mente dos mais radicais. No entanto, para muitos autores e ativistas, acabar com o capitalismo se resume a derrubar o domínio da oligarquia e dos bancos, a fim de viver uma vida melhor com mais democracia e igualdade em todas as áreas (pode-se dizer que essa não é uma questão séria, já que os proletários que farão uma revolução leem poucos livros e não são ativistas, mas a imaginação social desempenha um papel na história mesmo assim). Portanto, sem destruir o capitalismo, estamos tentando *sair dele*, acreditando que estamos retornando - muito parcialmente - à era pré-industrial, removendo o que é visivelmente ruim no hipermaquinismo (a refinaria poluente) e mantendo o que é bom (computadores). Graças à impressora 3D, adeus aos metalúrgicos. Com a Web, não há necessidade de um carro. Contra os monopólios, a pequena propriedade. Contra o agronegócio, produtores locais. Cerveja artesanal em vez de Skøll. A oficina colaborativa versus a *gigafábrica (local é lindo)*.

Como podemos acreditar seriamente que o futuro do mundo depende de uma multiplicação de gestos individuais? É como se coubesse a cada um de nós, como consumidores, optar pela "sobriedade feliz", quando nossas escolhas são feitas a jusante, e não a montante, dos processos de produção que dependem essencialmente do movimento do capital. Estima-se - para dar apenas um exemplo - que 70% dos gases de efeito estufa emitidos entre 1988 e 2015 foram produzidos por apenas cem multinacionais.

A utopia não é mais o que era antes. As cooperativas de produção e de vida da década de 1840 esperavam derrotar a sociedade industrial emergente a partir de dentro, enquanto as da Belle Époque estavam frequentemente ligadas a um vigoroso movimento trabalhista antiburguês. Quase dois séculos depois, cadeias de distribuição de produtos orgânicos altamente lucrativas e a modesta Amap coexistem quase que pacificamente com o gigante Carrefour: tudo se resume a viver da forma mais econômica possível onde o capitalismo permite.

3 / ECOSSOCIALISMO

Uma ampla gama de pensadores e grupos gostaria que a ecologia contribuísse para a recomposição de uma esquerda política, em outras palavras, para revitalizar ou rejuvenescer partidos e sindicatos, às vezes até assumindo conotações marxistas, no sentido de uma análise da sociedade moderna como capitalista e dividida em classes, embora isso seja mais uma questão de oposição do que de contradição.

Esse movimento critica os ecologistas do governo e os defensores dos "pequenos passos" por sua falta de coerência: já que, segundo ele, os capitalistas e os ricos são responsáveis pela crise climática, são eles que devem ser atacados. "O problema é o capital": mas para os ecossocialistas, "capital" é sinônimo dos grandes lobbies industriais e financeiros. Salvar o planeta significa responsabilizá-los por acabar com as empresas poluidoras, forçar a interrupção (ou reduzir drasticamente) da extração de combustíveis fósseis, pôr fim à expansão do agronegócio e dos hipermercados, revitalizar os serviços públicos (especialmente o transporte), introduzir um sistema tributário que seja "justo" e ecologicamente correto e, possivelmente, impor um racionamento ecológico limitando as viagens aéreas, por exemplo - tudo isso **significa** "devolver a palavra e a decisão ao povo".

Ao contrário do "velho" movimento trabalhista, o ecossocialismo exige a coordenação de forças que vão muito além do trabalho organizado: Nos chamados países ricos, as mulheres, as minorias sexuais e "raciais", os jovens que poderiam ser mobilizados "pelo clima"; e, no chamado Terceiro Mundo, os povos indígenas, as organizações camponesas... A união de todas as categorias oprimidas criaria um equilíbrio de forças capaz de gerar um poder político que, por ser agora genuinamente, e não mais formalmente, democrático, promoveria um setor público a serviço dos trabalhadores e dos usuários.

O antigo programa socialista prometia superar a "anarquia da produção" por meio do capitalismo socializado e planejado. No século 21º, essa economia controlada, a serviço de todos, não seria mais gerenciada apenas de cima para baixo (pelo Estado e pelo Parlamento), mas também pelos representantes eleitos do povo e pelos coletivos de cidadãos (como adjetivo, "cidadão" substitui prontamente "popular", que está um pouco desatualizado hoje em dia). Em vez do velho slogan jacobino de "nacionalização", preferimos a "socialização" da energia e do crédito. Em uma "democracia do carbono", as turbinas eólicas complementarão (ou - em uma versão mais extrema - substituirão) as usinas elétricas da EDF que, a partir de então, estarão sob o controle dos cidadãos, com

a própria democracia se tornando parte das "energias renováveis".

A social-democracia está morta, ou muito doente, tendo desistido de defender o trabalho ("as pessoas pequenas", os pobres, os "de baixo") e aceitado todo ou (grande) parte do programa abertamente burguês. A contradição do ecossocialismo é que ele busca superar essa falência (o que, do ponto de vista da classe dominante e de seus porta-vozes, é *um sucesso*) prometendo profundas transformações ecológicas que são ainda mais inatingíveis do que as reformas, por mais modestas que sejam, que as várias "esquerdas da esquerda" não conseguiram impor nos últimos vinte ou trinta anos.

4 / ECOLOGIA MILITANTE

Alguns ecologistas acreditam que já é tarde demais para o "desenvolvimento sustentável". Diante da inação dos governos e da obsolescência dos partidos políticos, precisamos nos mobilizar em nível de base, com base em uma visão do capitalismo como uma máquina com um motor superaquecido, cada vez mais ineficiente, cada vez mais prejudicial, mas também (felizmente) cada vez mais vulnerável e, portanto, passível de ceder sob a pressão de massas amplamente definidas. Daí a demanda por pragmatismo, com prioridade para a ação, de preferência nas ruas, acompanhada de gestos simbólicos, às vezes espetaculares, até mesmo ilegais.

Os organizadores das "marchas climáticas" acreditam que essas marchas são necessárias, mas sabem que elas não são suficientes e as veem principalmente como um meio de mobilizar as pessoas e criar pressão. Supõe-se que as práticas individuais e coletivas se combinem para causar um impacto na sociedade: a "arma da carteira" (comprar alimentos orgânicos) não exclui o recurso às urnas (votar verde) ou a criação de "bases" (ZADs) onde uma vida social e política alternativa tomaria forma, hoje um simples meio de defesa, amanhã um instrumento de uma ofensiva anticapitalista.

O que cimenta essas práticas é a ilusão de uma força mobilizadora e unificadora na catástrofe - quer ela já tenha acontecido ou seja iminente. Diferentemente da exploração capitalista, de uma guerra, até mesmo de uma guerra mundial, ou de uma grave crise econômica, hoje é toda a raça humana que é afetada, não apenas um ou mais de seus componentes (trabalhadores, camponeses, colonizados, povos indígenas, mulheres etc.). A humanidade seria, portanto, praticamente obrigada a se tornar o "sujeito" de sua própria história. A crise ecológica teria a vantagem de finalmente reunir todas as categorias dominadas em um "movimento de movimentos" (como em "a assembleia das assembleias", a duplicação da palavra parece garantir tanto a força quanto a diversidade). Tudo o que resta é conscientizar todos os habitantes do planeta sobre isso.

Na realidade, as ações diretas contra projetos de extração de fósseis se somam sem convergir, e a Blockadia, tão cara a Naomi Klein, não dá origem a uma coordenação internacional. Os movimentos de resistência tecem solidariedade, às vezes criando zonas provisoriamente autônomas e, em geral, seguindo-se uns aos outros: uma vez conquistada a vitória ou reconhecida a derrota, os zadistas partem para outra ZAD e, se necessário, instigam uma em que algum projeto grande, inútil e concretista está prestes a ser anunciado. Infelizmente, reunir lutas *específicas* significa colocar os ativistas de cada uma dessas lutas uns contra os outros no mesmo local, que então se torna o foco de rivalidades internas, às vezes até esquecendo o objetivo original do ZAD em questão.

A proliferação de ZADs não bloqueará mais o "global" do que as posições conquistadas pelo trabalho organizado (sociedades mútuas, associações, cooperativas, sindicatos e partidos) desmantelaram o capitalismo. Assim como as ZADs são, muitas vezes, locais de confronto positivo, *o zadismo* espalha a ilusão de que as questões ecológicas oferecem um terreno privilegiado para uma "frente de luta" em um braço de ferro com o Estado, desde que sejam escolhidos os métodos corretos de combate. Isso é esquecer que nenhuma emergência tem o poder de unir as pessoas e provocar mudanças.

* * *

A ecologia política pretende economizar recursos, especialmente energia, em um sistema que está condenado a produzir e consumir em excesso. No entanto, embora seja preferível substituir os combustíveis fósseis por fontes de energia renováveis, essas últimas têm seus limites, especialmente sua natureza intermitente. Precisamos romper com a sede de energia inerente ao mundo capitalista, mas a ecologia como ciência e política é incapaz de fazer isso. A prova está em sua aceitação do totalmente digital, que pressupõe toda a eletricidade e todas as suas consequências. A ecologia política oferece apenas outras soluções para o mesmo sistema.

No final, para as pessoas que se orgulham do realismo (e que prontamente nos censuram por nosso "utopismo"), o registro é ruim. Os eco-reformistas não estão fazendo quase nenhuma reforma, e os radicais estão conseguindo pouco mais do que os moderados. A situação climática está piorando: ficar abaixo de 1,5° ou 2° de aquecimento exigiria uma transformação dos métodos de produção e dos estilos de vida até 2030 e 2050 para a qual nada está se preparando hoje. Na corrida entre o aprimoramento e a degradação, o planeta tem perdido muito até agora. No entanto, nunca se falou tanto em ecologia. Politicamente, o fracasso é óbvio.

LEITURA E COMENTÁRIOS

Rachel Carson, *Silent Spring* (1962), Wildproject Éditions, 2019.

René Dumont, *L'Utopie ou la Mort*, Seuil, 1973.

Serge Latouche, *Towards a society of frugal abundance (Rumo a uma sociedade de abundância frugal)*, Mille et une nuits, 2011.

Serge Latouche mostra claramente os limites do "desenvolvimento sustentável", ou seja, uma forma menos poluente de capitalismo que permitirá que ele dure mais tempo. Mas como ele vê o capitalismo como sinônimo de ilimitação, precisamos encontrar maneiras de estabelecer limites para nós mesmos. Referindo-se especialmente aos exemplos africanos, ele defende uma troca de mercado que não seja voltada para o "mercado total". No caminho para a moderação, ele se depara com Castoriadis, que ele cita de forma elogiosa: "*como unidade de valor e meio de troca, o dinheiro é uma grande invenção, uma grande criação da humanidade*", e tudo o que precisamos fazer agora é "*reencantar a economia com o social*". Isso é um elogio à produção de mercadorias em pequena escala, a um pré-capitalismo incapaz de dar origem ao capitalismo porque permaneceria sob o controle de todos nós. No entanto, o desenvolvimento do comércio ateniense e das feiras medievais levou à bolsa de valores de Amsterdã e a Wall Street. Serge Latouche imagina a solução de um problema por meios semelhantes aos que o criaram.

Ecosocialismo :

Em suas diversas variantes, o ecosocialismo pode apresentar uma análise "de classe" do problema ecológico, mas sua solução pretende ser transversal e interclassista, em uma ampla aliança que reúna trabalhadores, militantes verdes, mulheres, povos do Sul, ativistas de direitos humanos e os dominados de todas as categorias (apenas o 1% "oligárquico" está excluído). Um programa eterno de uma revolução gradual impossível, exceto pelo fato de que hoje ela seria "ecodemocrática".

Daniel Tanuro, *L'Impossible Capitalisme vert*, La Découverte , 2012.

Michel Husson, *Six billion on the planet: are we too many*, Textuel, 2000.

Um exemplo da convergência do marxismo acadêmico e dos antigos intelectuais do PCF: Jean-Marie Harribey, "Ecological Marxism or Marxian Political Ecology?"

[Marxism Ecological or Ecology?Political Marxian](#) "Dictionnaire Marx contemporain", PUF, "Actuel Marx confrontation", 2001.

Site [Clima e capitalismo](#) ("*Ecosocialismo ou barbárie: não há uma terceira via*")

A escola do "intervalo metabólico" (mais sobre isso no episódio 7): Paul Burkett, [Marx A visão de sustentável humano desenvolvimento](#), 2005 :

John Bellamy Foster, Brett Clark e Richard York, [The Ecological Rift. Capitalism's War on the Earth](#), Monthly Review Press, 2010:

Sobre as propostas de políticas da Foster:

<https://www.solidaire.org/articles/john-bellamy-foster-monthly-review-le-capitalisme-n-e-pourra-jamais-etre-vert>

Naomi Klein, *Everything can change. Capitalisme et changement climatique*, Actes Sud, 2015. O título em inglês - *Capitalism vs. the Climate* - opõe-se mais diretamente ao capitalismo, cujos efeitos são descritos nos capítulos 2 a 5, do que à sua lógica subjacente. Com uma visão clara dos limites da ecologia política e da *lavagem verde*, Naomi Klein está, no entanto, confiante de que os governos e as grandes empresas mudarão suas atitudes, desde que a pressão das massas seja exercida em todos os lugares: a Blockadia levará a melhor sobre a "globalia" das multinacionais. Para ela, assim como para os ecosocialistas, o capitalismo deixaria de ser capitalista se fosse controlado por todos nós, o povo.

Na extrema esquerda, todo partido ou grupo agora precisa adicionar uma página ecológica ao seu jornal ou blog. Um exemplo entre uma centena de oportunismo: "[La IV^e Internationale victime du réchauffement climatique](#)", *Le Prolétaire*, setembro-outubro de 2019.

O que o *Le Prolétaire* explica não é exclusivo desse grupo trotskista. Uma grande parte da extrema esquerda tende a considerar a contradição burguesia/proletariado como secundária em relação à contradição entre o crescimento excessivo do capitalismo e seus limites naturais, uma oposição que tem a vantagem de dizer respeito a quase todo mundo: proletários, bem como mulheres, minorias sexuais, aqueles oprimidos por causa de sua "raça", jovens e, em geral, os povos de países anteriormente descritos como do Terceiro Mundo, todos vítimas, em um grau ou outro, das mudanças climáticas e, portanto, suscetíveis de serem mobilizados em ações "pelo clima". Mas, como escreveram os situacionistas, "*você ainda precisa ter os meios para ser oportunista*" (IS, nº 7, 1962).

A **"ecologia profunda"** é um caso especial. Os defensores da *ecologia profunda* criticam tanto a ecologia clássica quanto a anticapitalista por considerarem toda a vida apenas do ponto de vista da espécie humana e por se interessarem pelos desequilíbrios ecológicos (a perda da biodiversidade, por exemplo) apenas na medida em que prejudicam os seres humanos. Para essa escola de pensamento, todo o mundo vivo não deve ser tratado como um "recurso": ele tem um valor independente de sua utilidade para os seres humanos.

Isso está ligado à ideia de que a crise ambiental exige que substituamos ou complementemos o "contrato social" da democracia moderna por um "contrato natural" (Michel Serres), que estabeleçamos um "parlamento das coisas" (Bruno Latour) e que concedamos direitos aos não humanos, que também são temas do antiespecismo, mas estão fora de nosso assunto.

Para não tornar este texto ainda mais pesado, não entraremos em grupos como o Deep Green Resistance e o Extinction Rebellion, que merecem uma crítica tanto de seu funcionamento quanto de suas teorias.